



Revista de História e Estudos Culturais

Janeiro - Junho de 2024

Vol. 21 Ano 21 nº 1

www.revistafenix.pro.br

ISSN 1807-6971

**A MORTE NO CIBERESPAÇO: SIGNIFICADOS E  
SUBJETIVIDADES EM MENSAGENS DE ADEUS  
PUBLICADAS EM AMBIENTE VIRTUAL**

**THE DEATH IN CYBERSPACE: MEANINGS AND  
SUBJECTIVITIES IN GOODBYE MESSAGES  
PUBLISHED IN VIRTUAL ENVIRONMENT**

**Leandro de Oliveira Silva\***

**Instituto de Educação Éber Teixeira de Figueiredo**

 <https://orcid.org/0000-0003-1651-7760>

[oliveiradasilvaleo@gmail.com](mailto:oliveiradasilvaleo@gmail.com)



www.revistafenix.pro.br

**Juliana Lopes Moraes\*\***

**Fundação Cecierj/Consórcio Cederj**

[juliabio.diversidade@gmail.com](mailto:juliabio.diversidade@gmail.com)

**Deise Ferreira Fernandes Paes\*\*\***

**Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF**

 <https://orcid.org/0000-0002-1899-4643>

[deisepaes@pq.uenf.br](mailto:deisepaes@pq.uenf.br)

---

\* Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/CEDERJ, 2009); graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO/CEDERJ, 2015). Mestrado em Biociências e Biotecnologia e Doutorado em Biotecnologia Vegetal, ambos pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF).

\*\* Mestra em Biotecnologia Vegetal (2021) - Laboratório de Química e Função de Proteínas e Peptídeos - LQFPP/CBB na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF. Mediadora Presencial na Fundação Cecierj/Consórcio Cederj (Desde 2022). Projeto de Extensão UENF - Educação, Ciência e Saúde: Pontes para o futuro (Desde 2022). Divulgadora Científica da página @bio\_diversidade\_

\*\*\* Doutorado em andamento em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, UENF. Bióloga, Mestra em Biociências e Biotecnologia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Graduanda em Análises Forenses e Perícia Criminal pela Universidade Estácio de Sá.

**RESUMO:** O suicídio constitui um problema de saúde pública, caracterizado pelo silêncio que o transformou em tabu. Neste artigo procuramos desenvolver uma visão do suicídio sob a ótica dos suicidas, por meio da análise de suas mensagens de adeus, e considerando o ciberespaço como o palco para a exposição de suas mortes. Para isso, foram realizadas análises lexicais por meio do programa Iramuteq e análises qualitativas de extratos das cartas. Percebemos que as mensagens encontradas em meio digital compartilham características comuns do discurso suicida, identificadas por outros trabalhos. Esperamos, com este trabalho, contribuir para a ampliação da discussão acerca do suicídio e dos significados presentes nas mensagens de adeus publicadas em ambiente virtual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Suicídio; mensagens de adeus; sociedade; meio digital.

**ABSTRACT:** Suicide is a public health problem, characterized by the silence that has turned it into a taboo. In this article we seek to develop a view of suicide from the point of view of suicides, through the analysis of their goodbye messages, and considering cyberspace as the stage for the exposure of their deaths. For this, lexical analyzes were performed using the Iramuteq program and qualitative analysis of extracts from the letters. We noticed that the messages found in digital media share common characteristics with suicidal discourse, identified by other works. We hope, with this work, to contribute to the expansion of the discussion about suicide and the meanings present in the goodbye messages published in the virtual environment.

**KEYWORDS:** Suicide; goodbye messages; society; digital medium.

## INTRODUÇÃO

**S**uicídio é a morte autoinfligida, causada pela mesma pessoa a quem é dirigida. Ainda constitui um tabu, caracterizado por ser, dentre outros aspectos: condenado pelas religiões; cercado por curiosidade e misticismo; pouco discutido nos meios midiáticos, e explorado pela mídia, muitas vezes, de forma inadequada. Desde 2014, é tema da campanha de conscientização sobre a prevenção ao suicídio Setembro Amarelo, da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) em colaboração como Conselho Federal de Medicina (CFM) (ABP, 2022).

O suicídio constitui um problema de saúde pública, e cresceu entre os mais jovens (OLIVEIRA et al. 2016), se encontrando entre as três maiores causas de morte entre pessoas de 15 a 35 anos (SILVA; LIMA; SOUGEY, 2016). Segundo Ribeiro e Moreira (2018, p. 2830) “no Brasil o suicídio em populações mais jovens tende a acompanhar a distribuição etária e por sexo da mortalidade geral”. A Pandemia de Covid-19, inclusive, aumentou os riscos de suicídio por exacerbar fatores causadores de depressão e ansiedade (SCHUCK et al. 2020).

Trata-se de um fenômeno de difícil compreensão porque contraria o instinto natural de autopreservação da vida. Normalmente evitamos falar sobre a morte, e tendemos a viver como se ela fosse um acontecimento longínquo, planejando nossas rotinas “como se fôssemos imortais” (VARELLA, 2004, p. 8). O suicida não apenas pensa em sua própria morte de forma exacerbada, como também a planeja e pode, inclusive, elaborar fantasias do que acontecerá com as pessoas próximas após seu ato extremo. Nesse caso, o suicida utiliza esse último ato como forma de comunicação. (TORRES; FENSTERSEIFER, 2020).

A relação dos seres humanos uns com os outros mudou enormemente nos últimos anos, sobretudo pelo espaço que a tecnologia tomou em nossas vidas, onde tudo pode ser mediado pelo computador (DONNAMARIA; TERZIS, 2012). Contudo, essa desumanização não é recente: “A este processo de inversão, no qual o que é humano se coisifica (ganha atributos das coisas) e o que é objeto se anima (ganha atributos humanos), Marx chama de fetichismo da mercadoria e Lukács de reificação (DIAS, 1991, p. 165).” O homem se tornou cada vez mais dependente da tecnologia que ele criou e, ao mesmo tempo, um produto da mesma.

O meio digital é um espaço altamente mutante, onde tudo está sempre se transformando (JUNGBLUT, 2004). É, por isso, um espaço ambíguo: o indivíduo tem tudo ao seu alcance, porém, pode se sentir sozinho ou perdido. É, também, o espaço da fuga da realidade, por meio de redes sociais e jogos eletrônicos (MENESES, 2015). Trata-se, portanto, de um espaço paradoxal. Paradoxo este que também atinge o suicida:

Da mesma maneira que o suicida vive o mundo calcado em dicotomias como o bom e o mau, que o suicida religioso vê a vida entre o céu e o inferno, a visão que o indivíduo desenvolveu sobre si próprio e sobre os outros com os quais se relaciona também respeita esta mesma gangorra (DIAS, 1991, p. 158).

No caso do suicida, o ciberespaço funciona como um palco, onde ele pode expor (ou não) sua dor e as (aparentes) motivações que o levaram ao ato extremo de extirpar a própria vida, como o espaço equivalente ao utilizado como palco na vida real (MARQUETTI, 2012). Jamais saberemos, contudo, a totalidade de motivos que levam alguém a abreviar a própria vida, pela subjetividade/falta de objetividade das mensagens. Entretanto, mesmo diante de uma possibilidade fragmentada de entendimento, o que não podemos fazer é nos mantermos à margem de qualquer tentativa de compreensão, sob o risco de criarmos mais barreiras em um tema já tão estigmatizado.

Aqui, procuramos desenvolver uma visão do suicídio sob a ótica do ciberespaço: um espaço dinâmico, em constante construção e (re)construção, onde espaço e tempo se pulverizaram (INSON; RODRIGUES; MADUREIRA JÚNIOR, 2016). Essa análise só é possível a partir de mensagens deixadas pelos suicidas ou publicadas no meio digital por terceiros, as quais retratam, mesmo que parcialmente, suas motivações para tal ato. A publicação da mensagem de suicídio em ambiente virtual sinaliza a transformação do suicídio, em outros tempos considerado um evento particular, em um evento público (TORRES; FENSTERSEIFER, 2020).

O presente artigo tem como objetivo principal analisar as mensagens de adeus publicadas em meio digital, com base em Dias (1991). Procuramos, também, contribuir para a ampliação do entendimento a respeito da banalização da morte no ciberespaço, caracterizado como um espaço público e privado ao mesmo tempo, um palco para a exposição dos suicidas na era digital. No contexto da análise das mensagens deste artigo, chamamos os suicidas de autores.

## O QUE É SUICÍDIO

O fenômeno suicídio pode ser compreendido a partir de diferentes visões: médica; psiquiátrica; psicológica; social; cultural. Uma definição precisa de suicídio sempre esbarrará em discussões polêmicas, especialmente quando se considera a possibilidade de um suicídio passar por morte acidental ou ser assim registrado de forma intencional por questões pessoais do responsável pelo registro. Segundo Cassorla (2017), a definição de suicídio é complexa, pois pode “incluir atos e comportamentos que normalmente não são associados a suicídios, mas que, de alguma maneira, se relacionam com eles” (p. 11). É possível que muitos suicídios conscientes passem por acidentes. Pessoas que adotam um estilo de vida estressante ou perigoso também estão, por essa linha de pensamento, cometendo suicídio:



Portanto, as pessoas podem se matar ou procurar a morte de forma consciente ou inconsciente. Todos os seres humanos possuem impulsos nomeados pulsões de vida e pulsões de morte. As primeiras levam ao crescimento, desenvolvimento, reprodução, ampliação da capacidade de pensar, sentir e viver. Já as pulsões de morte lutam pelo retorno a um estado de inércia, atacando a capacidade da pessoa de lidar com as adversidades e de viver e desvitalizando as suas relações consigo mesma e com o mundo (CASSORLA, 2017, p. 13).

A definição de Durkheim de suicídio é “todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado” (DURKHEIM, 2000). A Organização Mundial de Saúde (OMS) define suicídio como “o ato deliberado, intencional, de causar a morte a si mesmo, ou, em outras palavras, um ato iniciado e executado deliberadamente [...] e cujo desfecho fatal é esperado” (BERTOLOTE, 2017). Segundo a Biblioteca Virtual em Saúde, do Ministério da Saúde, “o suicídio pode ser definido como um ato deliberado executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a morte, de forma consciente e intencional,

usando um meio que acredita ser letal” (BRASIL, 2022). Maria Luiza Dias, em seu livro *Suicídio: testemunhos de adeus*, produzido a partir de sua dissertação de mestrado, trás a seguinte definição de suicídio: “Entenderei por suicídio a morte que alguém provoca em si próprio, de forma consciente, deliberada e intencional” (DIAS, 1991, p. 16).

Diferentes autores analisaram o suicídio sob óticas distintas. Marquetti (2012) apresenta uma análise bastante original do suicídio: a partir da localização geográfica e considerando o ato como se o suicida representasse uma cena. A autora, ainda, analisa a questão do público x privado nas cenas representadas pelos suicidas, além da questão autor x espectador. Karl Marx (2006), no texto que constitui um elemento único em sua obra, *Sobre o suicídio*, escrito por ele considerando vários excertos de Jacques Peuchet, discute o suicídio sobre a ótica da opressão social às mulheres. Dos quatro casos de suicídio analisados por Marx, três são de mulheres que sucumbiram à tirania do patriarcado.

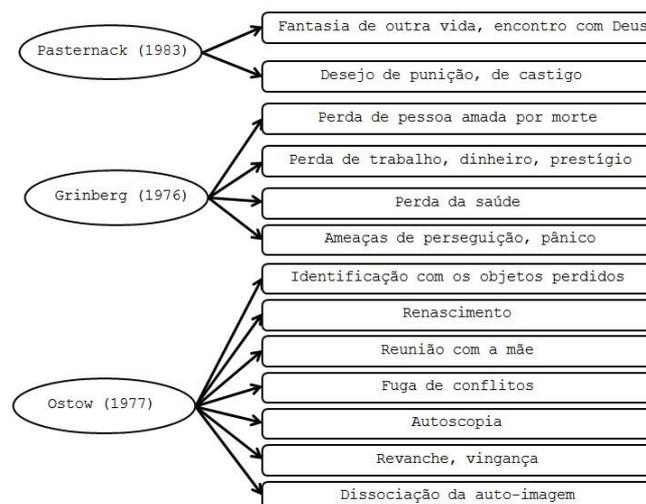
A clássica abordagem de Durkheim (1897) em *O suicídio* apresenta este fenômeno sob a ótica social e como um produto da sociedade, nunca individual. Para Durkheim, há três tipos de suicídio: egoísta, altruísta e anômico. Um quarto tipo, chamado fatalista, não recebe muita atenção do sociólogo, e seria causado por excesso de regulação social. Dentre os diferentes autores que, posteriormente, viriam a apontar as falhas e limitações da teoria durkheimiana, o sociólogo italiano Marzio Barbagli (2019) considera de forma pungente as variações históricas e culturais do suicídio. Barbagli refuta as tentativas de generalização de Durkheim, apresentando um vasto material histórico (PETERS, 2020). Hamlin e Brym (2006) criticam a teoria de Durkheim, principalmente por sua abordagem monocausal. Segundo os autores, a compreensão do suicídio exige a inclusão de fatores culturais e sociopsicológicos. Nada disso tira o mérito da obra pioneira de Durkheim, mas nos mostra que não podemos simplificar o suicídio, pois, “como problema de

saúde pública, o suicídio é considerado um fenômeno complexo que não tem uma causa e uma razão singulares” (BRUNHARI; DARRIBA, 2010, p. 66).

Além disso, é preciso diferenciar as ideações suicidas do ato em si. As tentativas de suicídio não constituem um grupo homogêneo de ações, pois “os planos de suicídio e as ações que têm pouca possibilidade de levar à morte são denominados gestos suicidas. As ações suicidas com intenção de morte [...] são denominadas tentativas de suicídio.” (ALMEIDA et al. 2009). Assim, ideação, tentativa, gesto e suicídio possuem diferentes significados. Por outro lado, “a tentativa de suicídio tem as mesmas características fenomenológicas do suicídio, diferindo deste apenas quanto ao desfecho, que não é fatal” (LIMA; FRANÇA; BENTO, 2018, p.155). Ainda que algumas mensagens possam sugerir que um determinado acontecimento levou ao planejamento do suicídio, segundo Schlichting e Moraes (2018, p. 360), “não existe uma única causa para a ideação suicida, e sim um grupo de fatores que podem induzi-la.”

Em diferentes épocas, as motivações dos suicidas foram analisadas, em uma tentativa de compreender o suicídio. A **Figura 1** apresenta as motivações apontadas por diferentes autores.

**Figura 1.** Motivações suicidas apontadas por diferentes autores



Fonte: Elaborado pelos autores deste artigo a partir de Dias (1991).

Essas motivações não parecem diferentes daquelas apontadas pelos suicidas contemporâneos, porém, o ato recebe uma denominação diferente: em um mundo dominado pelas tecnologias digitais e reestruturado pela formação da chamada cibercultura, surge o que se chamou de ciber-suicídio. Segundo Honorato e Barreto (2021, p. 13), “o ciber-suicídio é então um termo usado para fazer referência ao suicídio e suas ideações na internet”.

Apesar do aumento do número de casos nos últimos anos, o suicídio não tem recebido a mesma atenção que outras doenças ou comorbidades, o que contribui para a manutenção do tabu em torno do mesmo (ROSKOSZ; CHAVES; SOCZEK, 2017). A tentativa de suicídio é mais comum em mulheres, enquanto o suicídio é mais comum em homens (FERREIRA JUNIOR, 2015), alcançando até 77,7% de sucesso (WANZINACK; TEMOTEO; OLIVEIRA, 2017). De 1996 a 2010 a taxa de suicídios do Brasil se manteve bastante constante, sempre acima de 4 mortes a cada 100.000 habitantes (ARAÚJO; BICALHO, 2012).

Ainda que tenha sua importância, é preciso cautela ao analisar estatísticas sobre suicídio, pois os dados são muito propensos a subnotificação (GAWRYSZEWSKI, 1995). Diferentes fatores levam isso: tabu; religião; estigmatização; dificuldades de identificação do suicídio. Cerca de metade dos casos de suicídio exitosos se passa por acidente, e  $\frac{1}{4}$  dos acidentes de carro teriam “componentes suicidas” (CASSORLA, 1998a).

Enfim, é importante lembrar que diferentes desafios se colocam no cenário brasileiro ante a necessidade de implementação de uma cultura de prevenção ao suicídio: o reconhecimento da existência de um tabu em torno do suicídio; o temor da mídia de discutir o tema e causar efeitos imitação; necessidade de capacitação dos profissionais de saúde e inexistência de um Plano Nacional de Prevenção do Suicídio. Curiosamente, o Brasil foi pioneiro ao

ser o primeiro país latino-americano a instituir um plano de prevenção ao comportamento suicida (SETTI, 2017).

Silenciar-se não é a melhor solução. Nossa negação da morte cria um abismo difícil de ser transposto. É preciso criar uma cultura de prevenção ao suicídio por meio de uma abordagem responsável. O descaso com o qual o suicídio foi tratado fez com que a manutenção do tabu impedisse as pessoas de pensarem seriamente nele, relegando-o a uma espécie de fantasia típica da ficção (MOREIRA et al. 2015). Além da prevenção, fala-se também em posvenção, que pode ser feita por meio de grupos de autoajuda de sobreviventes ou parentes enlutados (RUCKERT; FRIZZO; RIGOLI, 2019).

## **A VIDA E A MORTE NO CIBERESPAÇO: UM CONVITE À FUGA DA REALIDADE**

O pensamento do suicida pode ser um espaço de ilusões, e uma delas é a de continuar vivendo em outra realidade, de onde poderá observar e julgar os vivos (DIAS, 1991). Por essa linha de pensamento, o ciberespaço parece ser o lugar ideal para “morrer e continuar vivo”, pois as mensagens, vídeos, fotos e criações de pessoas mortas continuam circulando, e essas pessoas são, de certa forma, lembradas pelos que continuam a viver. Além disso, é um espaço onde as pessoas atualmente se encontram com as mais diferentes intenções.

Apesar de bastante difundido em diferentes faixas etárias, o uso da internet e das redes sociais é a marca da juventude contemporânea. E é entre os jovens que as taxas de suicídio apresentaram maior elevação nos últimos anos, exigindo a implementação de estratégias de prevenção entre adolescentes (CICOGNA; HILLESHEIM; HALLAL, 2019). De 1997 a 2016, a taxa de suicídios entre adolescentes brasileiros cresceu significativamente (FERNANDES et al. 2020).

O suicídio entre adolescentes ainda é caracterizado pelo silêncio (dos parentes, amigos e profissionais), com pouca discussão sobre o assunto e, conseqüentemente, pouco entendimento (SCHLICHTING; MORAES, 2018). A atenção aos casos de suicídio entre adolescentes é necessária porque esta fase é marcada por mudanças biológicas e psicológicas, o que pode implicar em baixa autoestima e problemas psicológicos (PEREIRA; MACIEL; GUILHERMINO, 2017). Dentre os 526 adolescentes que participaram do estudo de Borges e Werlang (2006), 36% apresentavam ideação suicida, com porcentagens significativas deles com sintomas de depressão e desesperança.

Na internet, os jovens e adolescentes, muitos deprimidos e com problemas de autoestima, se expõem em fóruns e redes sociais dedicados ao suicídio. Analisando cartas de indivíduos com ideações suicidas, publicadas em comunidades virtuais, Fekete (2002) constatou que a maioria deles eram adolescentes e jovens adultos, além de constatar um senso de negação e pensamento dicotômico nas cartas. De acordo com Honorato e Barreto (2021, p. 14), “em muitos desses sites, que disseminam formas de como cometer suicídio e que incentivam a prática do ato, há uma verdadeira torcida para que o suicídio seja cometido.” Percebemos uma banalização da vida, típica dos “tempos líquidos” que vivemos, pois “nos casos de cibersuicídio, a morte é líquida no sentido de que ela está se tornando banalizada, as pessoas incentivam a morte do outro, talvez, devido a sua incapacidade de construir empatia e respeito pelo próximo (HONORATO; BARRETO, 2021, p. 20).”

Com as redes sociais e a possibilidade de exibição de *lives*, suicídios passaram a ser veiculados pela internet. O vídeo de um homem cometendo suicídio, postado originalmente no *Facebook* e replicado em outras redes sociais (*Twitter*, *Instagram*, *TikTok*), foi assistido por crianças e, apesar de removido pelo *Facebook*, continuou a circular nas demais redes sociais (WAKEFIELD, 2020). Em outro caso extremo envolvendo redes sociais, uma jovem de 16 anos cometeu suicídio após fazer uma enquete no *Instagram*, perguntando se deveria ou não

se matar, com 69% das pessoas afirmando que ela deveria cometer o ato (FHOX, 2017). Por outro lado, a mesma tecnologia que cria problemas, pode ajudar a resolvê-los. Por meio do uso de inteligência artificial, o *Facebook* é capaz de identificar mensagens de potenciais suicidas antes que os demais usuários da rede social as denunciem, buscando maior velocidade em oferecer ajuda, o que se denominou de “detecção proativa” (POZZEBOM, 2017).

A polêmica série *13 Reasons Why*, de um famoso canal de streaming, aborda o suicídio de uma adolescente. A série é baseada no livro *Thirteen Reasons Why*, de Jay Asher, cuja protagonista, Hannah Baker, comete suicídio e deixa 13 fitas destinadas a pessoas ligadas à sua decisão de se matar. A adaptação da obra ao meio televisivo suscitou calorosas discussões sobre suicídio, especialmente se tratando de adolescentes (FOGACA, 2018). Se, por um lado, a abordagem foi criticada por não ser a mais adequada, levando o canal a remover a cena da morte, por outro, pelo menos suscitou discussões acerca do tema suicídio.

Diante de tudo o que foi exposto, precisamos ampliar nossa compreensão acerca do suicídio em meio digital, e uma das formas de fazer isso é por meio da análise das mensagens de adeus deixadas por esses autores, as quais constituem a última expressão de vozes que, muitas vezes, se calaram em vida, e encontraram na morte a esperança de serem ouvidas.

## METODOLOGIA

As cartas e mensagens disponibilizadas por suicidas no meio digital foram encontradas por meio de busca no Google. As mensagens foram reunidas em um único arquivo submetido ao programa Iramuteq 0.7 (RATINAUD, 2009). As mensagens foram editadas antes da inclusão no programa Iramuteq, com os objetivos de: i) extirpar os termos chulos; ii) padronizar os vocábulos de acordo com a norma culta (exemplo: vc = você; cmg – comigo; ngm = ninguém);

iii) eliminar nomes próprios e localidades, buscando garantir o anonimato dos envolvidos.

Não pretendemos realizar qualquer juízo de valor sobre os autores das cartas analisadas ou de seus atos. A análise das cartas e bilhetes recolhidos no meio digital procura busca indícios dos fatores psicológicos por detrás do fenômeno social suicídio.

Análises léxicas e estatísticas foram realizadas por meio dos programas Iramuteq 0.7 e Voyant *tools* (SINCLAIR; ROCKWELL, 2016). Redes de interação de palavras obtidas por meio do programa on-line Sobek (<http://sobek.ufrgs.br/#/>). Além disso, foram extraídos trechos das cartas para uma análise qualitativa com base nas interpretações de Dias (1991). Buscamos, desta forma, identificar sentidos comuns entre os escritos.

Nem todos os casos aqui analisados se tratam de cibersuicídio, pois a maioria foi realizada fora do meio virtual. Contudo, as mensagens dos autores foram publicadas pelos mesmos ou, de alguma forma, chegaram ao meio virtual, sendo replicadas e compartilhadas por seus usuários e se tornando, portanto, elementos públicos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionadas para análise 24 “mensagens de adeus” encontradas em meio digital. Os nomes dos autores das mensagens foram substituídos por siglas, buscando facilitar as análises e manter o anonimato (**Tabela 1**).

**Tabela 1.** Os autores das mensagens de adeus analisadas

Sigla	Sexo	Idade	Ano da morte	Número de palavras
LU	M	17	2018	1153
PL	M	17	2018	254
JG	M	18	2018	141
GA	M	18	2020	457
BP	M	24	2019	2313
ES	F	26	2018	192

Sigla	Sexo	Idade	Ano da morte	Número de palavras
AC	F	NI	2020	61
TM	F	16	2017	1009
AN	M	NI	2015	1702
DJ	F	20	2017	159
JE	F	20	2018	3082
YA	M	25	2018	356
GI	M	25	2019	3007
VM	M	18	2019	209
CE	M	19	2016	72
JB	M	21	2019	703
EM	M	25	2017	361
PS	F	26	2017	646
BB	F	19	2017	230
JP	M	44	2016	73
TO	M	22	2017	46
PP	M	39	2017	155
JF	M	50	2015	63
FM	M	85	2020	49

Fonte: Elaborado pelos autores.

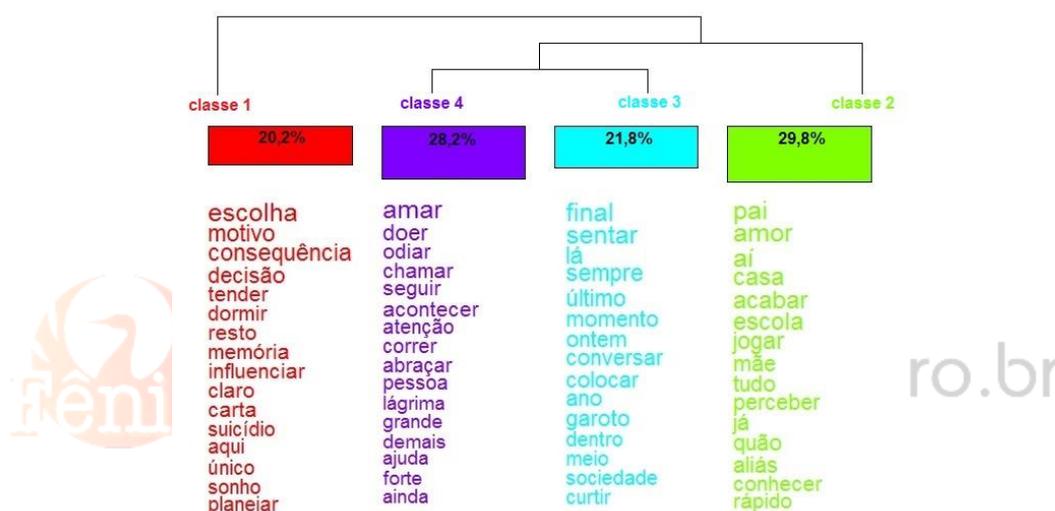
A média de idade dos autores é 27 anos, tendo o mais jovem dele apenas 16 anos, e o mais velho 85. A maioria dos autores morreu em 2017. A média de palavras das mensagens é 687. A maior mensagem é de JE, e possui 3082 palavras, e a menor é de TO, possuindo apenas 46 palavras. Wadi (2008), analisando cartas e bilhetes de suicidas da Comarca de Toledo/PR, concluiu que a maioria das mensagens era de pessoas jovens, entre 19 e 48 anos, o que divergia da literatura, a qual apontava um maior número de mensagens de adeus deixadas por pessoas com mais de 70 anos. Nosso estudo está de acordo com o de Wadi (2008), com a grande maioria dos autores composta por jovens.

No programa Iramuteq, foram consideradas ativas as seguintes classes de palavras: adjetivos – advérbios – verbos – substantivos. O advérbio “não” foi a palavra mais empregada pelos autores (415 vezes). Considerando apenas as formas ativas, as outras palavras que aparecem com considerável frequência nos textos em ordem decrescente: “mais” (150 vezes); “pessoa” (123 vezes); “querer” (111 vezes); “como” (95 vezes); “muito” (90 vezes); “vida” (88 vezes); “tudo” (82 vezes); “amar” (81 vezes) e “dia” (81 vezes). Considerando palavras

específicas: “amigo” aparece 61 vezes; “viver” 47 vezes; “suicídio”, 39 vezes; “morrer”, 27 vezes; “culpa”, 20 vezes; “depressão”, 16 vezes; “ajuda”, 12 vezes.

O dendograma (**Figura 2**) foi elaborado com os 24 textos, e mostra que as palavras foram divididas em 4 classes. A Classe 2 representa o maior número de palavras, seguida pela Classe 4. As classes 1 e 3 abrigam porcentagens similares de palavras.

**Figura 2.** Dendograma das quatro classes lexicais obtidas a partir da classificação das palavras ativas



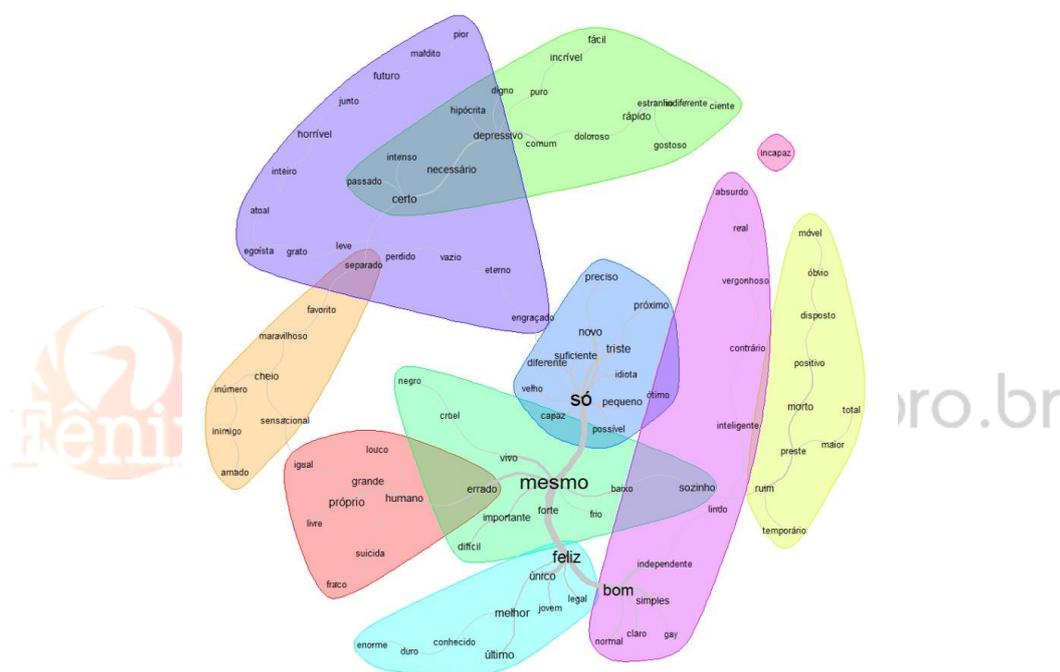
Fonte: Imagem criada pelos autores deste artigo com uso do programa Iramuteq

Em cada classe, aparecem as palavras com significância ( $p$ -value <0,0001), em ordem decrescente de  $p$ -value. A Classe 1, mais afastada de todas, apresenta as palavras “escolha”, “motivo”, “decisão” e “suicídio”, sugerindo conceitos centrados no autor e voltados para ele. A Classe 4, mais próxima da Classe 3, contém palavras como “amar”, “odiar”, “abraçar”, e “ajuda”, termos normalmente dependentes do outro para fazerem sentido. A Classe 2 contém palavras como “pai”, “mãe”, “amor”, “casa” e “escola”, associadas a instituições sociais, o que pode sugerir uma conexão (ou ruptura) do discurso do autor com o meio social.



A análise de Similitude considerando apenas adjetivos (**Figura 4**) resulta na identificação de 10 grupos. Destacam-se uma relação mais forte entre as palavras só – mesmo – feliz – bom. Um dos grupos é formado unicamente pela palavra “incapaz”. Palavras com conotação negativa, como “depressivo”, “sozinho”, “morto”, “triste”, e “vergonhoso” se encontram em grupos diferentes.

**Figura 4.** Análise de Similitude selecionando apenas os adjetivos



Fonte: Imagem criada pelos autores deste artigo com uso do programa Iramuteq

Na **Figura 5A**, percebemos que, excluindo a palavra mais citada (“não”) das mensagens e criando uma nuvem de palavras, outros termos ficam mais evidentes. “Pessoa”, “vida”, “amigos”, “suicídio”, “amo”, “ninguém” e “queria” são facilmente detectados nos discursos dos autores. Quando todas as cartas são agrupadas e submetidas ao programa Sobek, uma ferramenta de mineração de texto, é possível verificar as relações entre os termos do texto (**Figura 5B**). “Porque” e “vida” se relacionam mais fortemente quando consideramos as cartas dos autores. “Porque” indica claramente o objetivo das



peças que afirmam amar. A negação de palavras negativas nos discursos contidos nas mensagens dos autores revela a ilusão de que nada de ruim acontecerá, e que eles serão, finalmente, felizes.

Após a leitura integral de cada mensagem, foram extraídos os trechos que, segundo nossa interpretação, contém pelo menos um dos sentidos identificados por Dias (1991). O **Quadro 1** apresenta os sentidos identificados (divididos em 12 categorias, C1-C12) nos extratos das mensagens, buscando subsidiar discussões sobre aspectos psicológicos comuns x divergentes dos autores das cartas.

**Quadro 1.** Sentidos identificados em extratos das cartas analisadas.

**Legenda:** C1= Pedido de desculpas, perdão; C2= Suicídio como passagem para outro estado vivo; C3= Fantasia de intervir e atuar na vida dos vivos; C4= Desejo pela vida, não pela morte; C5= Ambivalência, discurso contraditório; C6= Ligação com fenômeno religioso; C7= Tentativa de controle (planeja o funeral); C8= Só os outros podem ser felizes; C9= Morte como vitória sobre os fracassos; C10= Responsabilização externa; C11= Fuga do confronto emocional; C12= Uso do imperativo

Sigla	Categorias												Total
	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9	C10	C11	C12	
LU	x									x		x	3
PL	x						x					x	3
JG	x						x					x	3
GA	x				x		x			x			4
BP		x	x		x	x	x	x	x			x	8
ES		x			x								2
AC	x						x			x			3
TM				x		x				x		x	4
AN						x						x	2
DJ						x							1
JE	x				x	x	x						4
YA													0
GI	x					x	x			x			4
VM	x					x	x	x				x	5
CE												X	1
JB	x					x	x						3
EM													0
PS	x					x				x			3
BB	x			x									2
JP	x										x		2
TO													0
PP	x											x	2
JF	x				x	x	x			x			5
FM	x									x		x	3

	Categorias												
Sigla	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9	C10	C11	C12	Total
Total	15	2	1	2	5	10	10	2	1	8	1	10	67

Fonte: Elaborado pelos autores deste artigo

Uma análise mais atenta dos sentidos que aparecem com menor frequência nas cartas (C2, C3, C4, C8, C9 e C11) pode fornecer interessantes *insights* sobre a natureza do pensamento suicida. Suicídio como passagem para outro estado vivo (C2) aparece em duas cartas (BP e ES). Na carta de ES, é explicitada no excerto “estarei lá na minha nova vida”. Nessa passagem fica claro que o autor espera encontrar, com seu suicídio, uma nova vida, ou seja, se libertar desta existência que lhe causa algum tipo de sofrimento. Ele não procura deixar de existir, mas alcançar uma nova existência diferente da que possui. A fantasia de intervir e atuar na vida dos vivos (C3) aparece na carta de BP, na emblemática passagem: “e que de algum modo eu consiga guiar vocês prometo que dessa vez não levarei pro caminho do mal”. Nessa passagem o autor parece se colocar, uma vez morto, acima dos vivos, pois só assim terá condições de “guiar” quem ficou aqui. Não poderia ele “guiar” os vivos estando, também, vivo? O que há, na morte, que lhe concede uma posição privilegiada em relação aos vivos? Desejo pela vida, não pela morte (C4) aparece nas cartas de TM e BB, verbalizadas em dois excertos contrastantes: “eu não queria morrer” e “eu quero viver”. De acordo com Dias (1991, p. 91), “na sociedade ocidental, não são os vivos que querem a vida, mas o morto, que deseja a vida vivida em sua plenitude, em profundidade”. Trata-se, portanto, de um paradoxo: quem mais deseja viver não pode fazê-lo em vida, e precisa morrer para tornar isso possível. Só os outros podem ser felizes (C8) é um pensamento comum dos suicidas, presente nas cartas de BP e VM: “você pode ser feliz” e “jovens vão viver ser feliz [sic]”. Esses excertos sugerem que, para o suicida, “os outros estariam com toda a felicidade do mundo (felicidade que ele teria acesso se a vida lhe

fosse mais generosa)” (DIAS, 1991, p. 103). Ora, qual nível de felicidade deseja o suicida, uma vez que todos os outros têm potencial para alcançá-la, à exceção dele? Morte como vitória sobre os fracassos (C9) aparece na carta de BP, no excerto “*superar o medo até o último segundo*”. BP não sabia nadar, e escolheu como método atirar-se ao mar. Paradoxalmente, ele não considera esse último ato como uma fraqueza, mas como um ato de coragem, a vitória final sobre uma vida de fracassos (assim descrita por ele em sua carta). Dias (1991, p. 106) afirma que “diante da sensação generalizada de impotência, o suicida se utiliza da morte como um ato de triunfo”. Logo, BP triunfa sobre a morte por ser capaz de enfrentar seu medo e, finalmente, deixar esta existência para uma nova vida. Finalmente, fuga do confronto emocional (C11) aparece na carta de JP, no excerto “*vence sempre aquele que foge*”. É interessante observarmos a oposição que parece existir entre BP e JP: o primeiro, que vê o suicídio como um enfrentamento dos problemas rumo à vitória final, e o segundo, que o coloca como uma fuga ante os desafios intransponíveis da vida.

Ao analisar as cartas deixadas pelos autores, devemos nos lembrar que se tratam de mensagens “fragmentárias, limitadas, restritas a alguns aspectos de vidas mais complexas (WADI, 2008, p. 120)”. Ou seja, estamos analisando escritos derradeiros, recortes de histórias mais complexas, cuja extensão jamais conheceremos. Mesmo parciais e fragmentadas, as mensagens de adeus nos permitem um olhar histórico sobre o suicídio, pois “são reveladores dos problemas particulares do nosso tempo, por fim, de nossa condição histórica (LIMA, 2015, p. 4)”. Enfim, “pensar as cartas de suicidas como elementos de análise é um recurso para se compreender o sentido atribuído ao fenômeno” (PEREIRA; FENSTERSEIFER, 2019, p. 384).

Pedidos de desculpas/perdão apareceram o maior número de vezes nas mensagens, seguidos por: tentativa de controle do próprio funeral, seja escolhendo as roupas que usaria ou determinando como a cerimônia deveria ser conduzida; alguma ligação com o religioso, seja se afirmando ateu ou

citando Deus; e uso do imperativo, tentando controlar como os vivos devem se sentir ou conduzir suas vidas. A busca por uma felicidade que não parece possível é outro elemento comum às cartas dos suicidas, que registram “em bilhetes e longas cartas essa sensação de busca por uma felicidade que nunca se concretiza (LIMA, 2015, p. 7)”. Isso parece ser produto de uma sociedade onde, para se vender a felicidade, é preciso criar tristeza. Na análise de cartas de suicidas famosos, Pereira e Fensterseifer (2019) destacaram como elemento comum “um grande sofrimento” dos autores, ainda que cada um deles à sua maneira. A gratidão (a Deus, a um santo ou a alguém próximo) também aparece com considerável frequência nas mensagens de adeus. Azevedo Júnior (2021, p. 117) realizou uma análise semiótica de cartas de suicidas publicadas no Facebook, de 2018 a 2020, e identificou seis aspectos comuns às narrativas: “subjetivação subvertida; impotência e frustração; sofrimento; culpa/infelicidade; gratidão e agradecimento; recados e posteridade”. Diversos destes aspectos estão presentes nas cartas por nós analisadas neste trabalho. Freitas (2018) analisou mensagens de suicidas à luz da Psicanálise, e identificou traços de narcisismo secundário, onde o indivíduo tem baixa capacidade de lidar com as frustrações. Também estava presente em algumas mensagens a ilusão de outra existência, de onde os suicidas poderiam vigiar e exercer influência sobre a vida daqueles que ficaram.

As cartas com o maior número de excertos com sentidos correspondentes aos identificados por Dias (1991) foram: BP, VM e JF.

BP inicia sua mensagem afirmando que seu suicídio não é culpa de ninguém, que ele sempre pensou nisso. Revela, também, que sente desprezo pela vida das pessoas comuns. Interessantemente, BP afirma que tudo começou quando, aos 15 anos, foi transferido de classe, e “era zoado por muitos otários”. Percebemos traços de narcisismo, pois BP se considera bom demais para a vida comum, se considera mais inteligente do que os outros. Critica a campanha de prevenção ao suicídio, Setembro Amarelo, afirmando que “vocês não se importam

*com quem tem depressão empatia praticamente não existe*". Em um momento de contradição, ele diz ser ateu, mas espera que exista *"algum tipo de vida do outro lado"*. Afirma que gostaria de viver isolado da sociedade e que a vida moderna é a responsável pela *"tristeza"* das pessoas. A contradição de BP representa a própria ambiguidade do suicídio: há uma ilusão de controle sobre a morte, em uma sociedade onde o morto deseja viver em plenitude e, julgando não podê-lo, decide buscar outra vida (DIAS, 1998). No momento da morte, BP tem a coragem de dizer tudo o que pensa da vida e dos outros, mas isso pode ser apenas um mecanismo de defesa: *"é o sujeito ordinário que inventa a sua própria morte; que cria uma anti-linguagem; que materializa em um gesto o delirante controle do corpo"* (LIMA, 2015, p. 9). BP, no final da carta, afirma desejar romper com a sociedade e viver sozinho.

VM era um jovem que cometeu suicídio após um amor não correspondido. Inicia sua carta pedindo perdão e agradecendo aos amigos. Avisa que a depressão mata, e explica que escolheu uma jovem para fazer parte de sua vida, mas não foi escolhido por ela. No final, VM pede que as pessoas se lembrem dele sempre que ouvirem uma música específica. As razões principais atribuídas ao ato suicida variam de acordo com a faixa etária do indivíduo. Na infância e adolescência, fatores sócio-ambientais, como problemas com a família, relacionamentos conturbados e intolerância a frustrações, são preponderantes (SILVA et al. 2020). VM tinha acabado de entrar na vida adulta (18 anos), e uma das causas da sua decisão de se matar foi a incapacidade de suportar a rejeição amorosa.

Nas cartas analisadas por Wadi (2008), das quatro mulheres suicidas, três deixaram mensagens que tratavam de amor. Assim como VM, outras mensagens por nós analisadas apontaram desilusão amorosa como o motivo maior para o ato do suicida. Cassorla (1998b) relata o caso de uma moça que, após uma briga com o namorado, ingeriu medicamentos, em uma tentativa de suicídio com o objetivo de deixar o namorado com sentimento de culpa. Ao que

poderia resultar em um suicídio motivado por amor, o autor ressalta que uma investigação mais profunda provavelmente revelaria os reais motivos para tal ato, motivos estes que incluem uma vida inteira de conflitos inconscientes, que resultaram na tentativa de suicídio.

JF inicia sua mensagem dizendo que separou as roupas e o sapato para seu funeral. Em seguida, ele justifica seu ato, afirmando que causas externas são as responsáveis por seu suicídio. Apesar de curta, sua mensagem traz consigo diversos dos sentidos identificados por Dias (1991), como é possível ver no **Quadro 1**. A razão apontada por JF para se suicidar, além do abandono familiar, estaria relacionada a dívidas e incapacidade de manter sua atividade empreendedora, razão esta parecida com a de Yoshiro, cuja carta foi analisada por Wadi (2008, p. 126): “ter perdido também parte daquilo que lhe fazia reconhecer-se como homem no grupo social ao qual pertencia: o domínio, a dignidade, a honra.” A fuga do conflito, da humilhação e do escárnio os levaram ao ato extremo.

Não sugerimos aqui que as causas apontadas pelas cartas dos autores foram as únicas responsáveis por seus atos. O suicídio deve ser considerado um fenômeno multicausal (MINGHETTI; KANAN, 2014) e, como já demonstraram diferentes trabalhos, sua compreensão exige a consideração de fatores culturais, sociais, psicológicos e outros. Contudo, acreditamos que a análise das mensagens e cartas pode auxiliar a ampliar nossa compreensão a respeito deste fenômeno tão preocupante, que é o suicídio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada 40 segundos uma pessoa comete suicídio no mundo. Entre jovens de 15 a 29 anos, é a terceira maior causa de mortes. O suicídio ainda é um tabu. Talvez, por constituir uma grave transgressão aos olhos da sociedade; pela condenação da religião; uma atitude vergonhosa para os parentes das

vítimas, ou a sugestão da existência de um transtorno mental (pessoas normais não se matam), a discussão sobre o suicida ainda é evitada. Entender as subjetividades presentes em mensagens de suicidas pode ajudar a melhor compreender este fenômeno multifatorial.

As mensagens analisadas possuem elementos comuns àqueles identificados em outras mensagens de suicidas, elementos estes associados a diferentes razões para o ato extremo: ilusão de uma vida melhor após a morte; desilusão amorosa; isolamento social; narcisismo; vingança; doenças físicas; depressão; fuga de conflito. Nenhuma dessas razões, isoladamente, é capaz de explicar o suicídio destas pessoas, porém, fornecem pistas sobre os processos que contribuem para o ato final. A análise das cartas de adeus publicadas em meio digital revelou que as razões apontadas (ou sugeridas) pelos suicidas são sempre as mesmas, independente da época considerada, nos levando a acreditar na existência de elementos comuns aos indivíduos que procuram, na morte, um fim para seus sofrimentos.

Esperamos, com este trabalho, contribuir para a ampliação da discussão acerca do suicídio e dos significados presentes nas mensagens deixadas pelos autores, reproduzidas em meio digital e disponibilizadas para outras pessoas, as quais podem, eventualmente, se valer de tais mensagens como elementos influenciadores para suas próprias decisões a respeito dos significados da vida e da morte.

## REFERÊNCIAS

ABP, Associação Brasileira de Psiquiatria, **Setembro Amarelo, Mês de prevenção ao suicídio**. Agir salva vidas! Disponível em: <https://www.setembroamarelo.com/>. Acesso em: 06 jul. 2022.

ALMEIDA, Sandra Aparecida de; GUEDES, Priscila Marques Monteiro; NOGUEIRA, Jordana de Almeida; FRANÇA, Uthania de Mello; SILVA, Ana Cristina de Oliveira e.

Investigação de risco para tentativa de suicídio em hospital de João Pessoa-PB. **Rev. Eletr. Enf.**, vol. 11, n. 2, p. 383-9, 2009. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n2/v11n2a20.htm>. Acesso em: 02 jul. 2022.

ARAÚJO, Emanuelle Silva; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. Suicídio: crime, pecado, estatística, punição. **Revista de Psicologia da IMED**, vol.4, n.2, p. 723-734, 2012. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/151/261>. Acesso em: 02 jul. 2022.

AZEVEDO JUNIOR, José Bernardo de. **O dito do “eu” que se foi: o exame semiótico do discurso apaixonado das cartas dos suicidas**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 147 p., 2021.

BARBAGLI, Marzio. **O suicídio no Ocidente e no Oriente**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019

BERTOLETE, José Manoel. 1 ed. **O suicídio de sua prevenção**. São Paulo: Editora UNESP, 2012

BORGES, Vivian Roxo; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. **Estudos de Psicologia**, vol. 11, n. 3, 345-351, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/7Pjtyv563z97nVODJZc9GVt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jul. 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Biblioteca Virtual em Saúde**, 2022. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/setembro-amarelo-e-dia-mundial-de-prevencao-ao-suicidio-109/#:~:text=O%20suic%C3%ADdio%20pode%20ser%20definido,e%20a%20tentativa%20de%20suic%C3%ADdio>. Acesso em: 15 jun. 2022.

BRUNHARI, Marcos Vinicius; DARRRIBA, Vinicius Anciães. Não te matarás: suicídio, prevenção e, psicanálise. **Estud. Psicanal.**, n.34, p. 63-70, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n34/n34a09.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2022.

CARVALHO, Francielle Fátima de; JUNIOR, Manoel Deusdedit. Breves considerações sobre sentido da vida e suicídio: reflexões à luz da Psicologia Fenomenológica-Existencial. **Revista Criminalística e Medicina Legal**, vol. 2, n.1, 2017. Disponível em: <http://revistacml.com.br/wp-content/uploads/2018/04/RCML-2-03.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2022.

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. Comportamentos suicidas na infância e na adolescência. In: CASSORLA, Roosevelt M. S. (Coord.). **Do suicídio**. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1998a. p. 61-87.

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. O impacto dos atos suicidas no médico e na equipe de saúde. *In*: CASSORLA, Roosevelt M. S. (Coord.). **Do suicídio**. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1998b. p. 149-165.

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. **Suicídio – Fatores inconscientes e aspectos socioculturais**: uma introdução. 1 ed. São Paulo: Blucher, 2017

CICOGNA, Júlia Isabel Richter; HILLESHEIM, Danúbia; HALLAL, Ana Luiza de Lima Curi. Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015. **J. bras. psiquiatr.**, vol. 68, n. 1, p. 1-7, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/pVqss7fYrnRdSDTKnjykFLz/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 30 jun. 2022.

DIAS, Maria Luiza. O suicida e suas mensagens de adeus. *In*: CASSORLA, Roosevelt M. S. (Coord.). **Do suicídio**. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1998. p. 89-106.

DIAS, Maria Luiza. **Suicídio**: testemunhos de adeus. 1 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991

DONNAMARIA, Carla Pontes; TERZIS, Antonios. Algumas notas sobre as relações humanas mediadas por computadores. **Mental**, n. 18, p. 165-178, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v10n18/a09v10n18.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2022.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000

FEKETE, Sandor. The internet – a new source of data on suicide, depression and anxiety: a preliminary study. **Archives of Suicide Research**, v. 6, n. 4, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13811110214533>. Acesso em: 30 jun. 2022.

FERNANDES, Fabiana Yanes; FREITAS, Bruna Hinnah Borges Martins de; MARCON, Samira Reschetti; ARRUDA, Vilmezyze Larissa de; LIMA, Nathalie Vilma Pollo de; BORTOLINI, Juliano; GAÍVA, Maria Aparecida Munhoz. Tendência de suicídio em adolescentes brasileiros entre 1997 e 2016. **Epidemiol. Serv. Saude**, vol. 29, n4, p. e2020117, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ress/a/DnvLKC5ptmJTkL668MZMXcj/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 30 jun. 2022.

FERREIRA JUNIOR, Avimar. O comportamento suicida no Brasil e no mundo. **Revista Brasileira de Psicologia**, vol. 02, n. 01, 2015. Disponível em: <http://www.mundiblue.com/consultoria/wp-content/uploads/2016/09/O-comportamento-suicida-no-Brasil-e-no-mundo.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022.

FHOX Notícias. **Jovem se suicida após fazer enquete no Instagram**. FHOX Notícias, 2019. Disponível em: <https://fhox.com.br/news/jovem-se-suicida-apos-fazer-enquete-no-instagram/>. Acesso em: 11 jun. 2022.

FOGACA, Vitor Hugo Bueno. “13 reasons why” e o rompimento do paradigma do silêncio: uma breve reflexão sociológica. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 207, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/42666/751375138063/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

FREITAS, Katarina Nascimento. **Por que matar-se? “Cartas de despedida” de suicidas à luz da Psicanálise**. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande. p. 81, 2018

GAWRYSZEWSKI, Vilma Pinheiro. **A mortalidade por causas externas no município de São Paulo**. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Saúde Pública da USP), São Paulo, 1995.

MENESES, Guilherme Pinho. **Videogame é uma droga? Controvérsias em torno da dependência de jogos eletrônicos**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 325. 2015.

HAMLIN, Cynthia Lins; BRYM, Robert J. The Return of the Native: A Cultural and Social-Psychological Critique of Durkheim’s Suicide Based on the Guarani-Kaiowa’ of Southwestern Brazil. **Sociological Theory**, v. 24, n.1, 2006. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1111/j.0735-2751.2006.00263.x>. Acesso em: 14 jun. 2022.

HONORATO, Antonio Edson Oliveira; BARRETO, Maria Cristina Rocha. A banalidade da morte e o ciber-suicídio: uma análise de casos de suicídio online. **Revista de Estudos Sociais**, v. 23, n. 46, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/10547>. Acesso em: 15 jun. 2022.

INSON, Nathalia Baldini; RODRIGUES, Adriana; MADUREIRA JÚNIOR, José Roberto. O ciberespaço como plataforma de divulgação e mobilização de pessoas para eventos ambientais realizados no Brasil. **IX Simpósio Nacional da ABCiber**. Disponível em: [https://abciber.org.br/anais-eletronicos/wp-content/uploads/2016/trabalhos/o\\_ciberespaco\\_como\\_plataforma\\_de\\_divulgacao\\_e\\_mobilizacao\\_de\\_pessoas\\_para\\_eventos\\_ambientais\\_realizados\\_no\\_brasil\\_nathalia\\_baldini\\_inson.pdf](https://abciber.org.br/anais-eletronicos/wp-content/uploads/2016/trabalhos/o_ciberespaco_como_plataforma_de_divulgacao_e_mobilizacao_de_pessoas_para_eventos_ambientais_realizados_no_brasil_nathalia_baldini_inson.pdf). Acesso em: 02 jul. 2022.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. **Horizontes Antropológicos**, ano 10, n. 21, p. 97-121, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/dk7POz7xCPEXHWNPBwYNPTR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jul. 2022.

LIMA, Frederico Osanam Amorim. Achei que a hora era essa: o suicídio nas cartas de adeus. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, vol. 12, n. 2, 2015. Disponível

em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/752>. Acesso em: 30 jun. 2022.

LIMA, Jéssica Maynara da Silva Ferreira; FRANÇA, Joany Karine da Rocha; BENTO, Tânia Maria Alves. Fatores Predisponentes que Levam Jovens Adultos à Ideação Suicida e ao Suicídio no Brasil. **Caderno de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde - UNIT**, vol. 5, n. 1, p. 153-165, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosauade/article/view/5804>. Acesso em: 30 jun. 2022.

LUCAS, Lorena Schettino; BONOMO, Mariana; FLAUZINO, Thaís Assis; ZAMBORLINI, Vanessa Valentim; FERREIRA, Bruna Amorim Matos. "Suicídio?! E Eu com Isso?": Representações Sociais de Suicídio em Comentários de Usuários do Facebook. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, vol. 01, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/59380/37522>. Acesso em: 02 jul. 2022.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. **O Suicídio como Espetáculo na Metrópole**. 1 ed. São Paulo: Editora FAP-UNIFESP, 2012

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2006

MINGHETTI, Lenir Rodrigues; KANAN, Lilia Aparecida. Compreensão do suicídio na visão de três correntes psicológicas: Teoria Psicanalítica, Teoria Sistêmica E Existencial-Fenomenológica. **RIES**, v. 3, n. 2, p. 9-32, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/ries/article/view/236>. Acesso em: 29 jun. 2022.

MOREIRA, Daiane Luz; CAVALCANTE Martins, Mariana; DO AMARAL GUBERT, Fabiane; PEREIRA DE SOUSA, Fernando Sérgio. Perfil De Pacientes Atendidos Por Tentativa De Suicídio Em Um Centro De Assistência Toxicológica. **Cienc. enferm**, vol. 21, n. 2, p. 63-75, 2015. Disponível em: [https://www.scielo.cl/pdf/cienf/v21n2/art\\_07.pdf](https://www.scielo.cl/pdf/cienf/v21n2/art_07.pdf). Acesso em: 02 jul. 2022.

OLIVEIRA, Sandra Márcia Carvalho de.; NASCIMENTO, Tiago Silva; FEITOSA, David Jonatas Carlos et al. Epidemiologia de mortes por suicídio no Acre. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**, vol. 20, n. 1, p. 25-36, 2016. Disponível em: <https://www.revneuropsi.com.br/rbnp/article/view/124/86>. Acesso em: 29 jun. 2022.

TORRES, Thaynara Bárbara Martins; FENSTERSEIFER, Liza. O último *post*: Cartas de suicídio publicadas no Facebook. **Pista: Periódico Interdisciplinar**, v. 2, n. 2, p. 147-167, 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pista/article/view/25058/17384>. Acesso em: 02 jul. 2022.

PEREIRA, Vítor Miranda Batista; FENSTERSEIFER, Liza. "Eu queria que alguém percebesse, mas ninguém percebeu": o que revelam as cartas deixadas por suicidas.

**Pretextos**, v. 4, n. 7, 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/20768/15040>. Acesso em: 02 jun. 2022.

PEREIRA, Wanessa Karla de Souza; MACIEL, Maria da Piedade Gomes de Souza; GUILHERMINO, Geysyka Morganna Soares. O adolescente que tenta suicídio: estudo epidemiológico em unidades de referência. **Rev enferm UFPE on line**, vol. 11, n. 8, p. 3130-5, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/110218/22131>. Acesso em: 02 jul. 2022.

PETERS, Gabriel. O anti-Durkheim: por uma análise culturalista do suicídio. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 35, n. 104, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/zW9WMVWkHtnYNgKf9vSpFbs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2022.

POZZEBOM, Rafaela. Facebook é capaz de detectar mensagens suicidas antes de serem denunciadas. **Oficina da Net**, 2017. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/facebook/21021-facebook-e-capaz-de-detectar-mensagens-suicidas-antes-de-serem-denunciadas>. Acesso em: 11 de jun. 2022.

RATINAUD P. IRAMUTEQ: Interface de R pour les analyses multidimensionnelles de textes et de questionnaires (computer software) [Internet]. 2009 [citado 28 Junho 2022]. Disponível em: <http://www.iramuteq.org>.

REATEGUI, E.; EPSTEIN, D.; LORENZATTI, A.; KLEMMANN, M. (2011). Sobek: a Text Mining Tool for Educational Applications. In: **Proceedings International Conference on Data Mining (DMIN)** (pp. 59–64). Las Vegas.

RIBEIRO, José Mendes; MOREIRA, Marcelo Rasga. Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. **Ciênc. Saúde Colet.**, vol. 23, n. 9, p. 2821-2834, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/txZCWtk98yqSkvTTj6Vj74b/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jul. 2022.

ROSKOSZ, Flávia Laís Souza; CHAVES, Simone Küller; SOCZEK, Kelly de Lara. **Suicídio na adolescência e terapia cognitivo-comportamental**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia), Faculdade Sant'Ana, 2017. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/96>. Acesso em: 29 jun. 2022.

RUCKERT, Monique Laueremann Tassinari; FRIZZO, Rafaela Petrolli; RIGOLI, Marcelo Montagner. Suicídio: a importância de novos estudos de posvenção no Brasil. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, vol. 15, n. 2, p.85-91, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v15n2/v15n2a02.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2022.

SCHLICHTING, C. A.; MORAES, M. C. L. Mortalidade por suicídio na adolescência: uma revisão. **REFACS**, v. 6, p. 357-363, 2018. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/2922/pdf>.

Acesso em: 30 jun. 2022.

SETTI, Victor Mauro Gonçalves. Políticas Públicas e prevenção do suicídio no Brasil. **ÂNDÉ: Ciências e Humanidades**, v. 1, n. 1, p. 104-113, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/iande/article/view/23/20>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SCHUCK, Fernanda Wartchow; WEBER, Giovana Maria Fontana; SCHAEFER, Catiane Kelly; REINHEIMER, Mariana Wallauer; ROCKENBACH, Daniel Mânica. A influência da pandemia de COVID-19 no risco de suicídio. **Braz. J. Hea. Rev., Curitiba**, v. 3, n. 5, p. 13778-13789, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/17583/14273>. Acesso em: 02 jul. 2022.

SILVA, José Vitor da; BAPTISTA, Makilim Nunes; DOMINGUES, Elaine Aparecida Rocha. Significados e motivos para suicídio em pessoas com tentativa prévia. **Revista Psicologia para America Latina**, n. 34, p. 245-254, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psilat/n34/a14n34.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SILVA, Tatiana de P.S. da; LIMA, Murilo D.C.; SOUGEY, Everton B. Alucinógenos, anfetaminas e comportamento suicida: revisão integrativa da literatura. **Revista Hupe**, v. 15, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistahupe/article/view/22359/23202>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SINCLAIR, Stéfan; ROCKWELL, Geoffrey, 2016. *Voyant Tools*. Disponível em: <https://voyant-tools.org/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

VARELLA, Drauzio. **Por um fio**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

WADI, Yonissa Marmitt. A escrita além da vida e da morte: mensagens de adeus de suicidas na Comarca de Toledo/PR (1980/1993). **Espaço Plural**, v. 9, n. 18, p. 119-127, 2008. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1640>. Acesso em: 29 jun. 2022.

WAKEFIELD, Jane. A luta para remover do TikTok vídeo de suicídio que viralizou. **BBC News**, 8 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54077717>. Acesso em: 11 jun. 2022.

WANZINACK, Clóvis; TEMOTEO, Andréia; OLIVEIRA, Adriana Lucinda de. Mortalidade por suicídio entre adolescentes/jovens brasileiros: um estudo com dados secundários entre os anos de 2011 a 2015. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar**,

v. 10, n. 2, p. 106-117, 2017. Disponível em:  
<https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/54974/34899>. Acesso em: 02 jul. 2022.

**RECEBIDO EM: 27/11/2022**

**PARECER DADO EM: 30/01/2023**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)